

Manuscrita Revista de Crítica Genética

São Paulo n. 26 • 2014

Conselho Editorial

Almuth Grésillon, Institut des Textes et Manuscrits Modernes – CNRS
Alícia Duhá Lose, Universidade Federal da Bahia
Aparecido José Cirillo, Universidade Federal do Espírito Santo
Carla Cavalcanti e Silva, Universidade Estadual Paulista, Assis
Cecília Almeida Salles, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Claudia Amigo Pino, Universidade de São Paulo
Elida Lois, Universidad Nacional de San Martín – Argentina
Erica Durante, Université Catholique de Louvain la Neuve – Bélgica
Irène Fenoglio, Institut des Textes et Manuscrits Modernes – CNRS
Isabel Cristina Farias Lima, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Josette Monzani, Universidade Federal de São Carlos
Márcia Ivana Lima e Silva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Marcos Antonio de Moraes, IEB – Universidade de São Paulo
Maria Eunice Moreira, DELFOS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Marie-Hélène Paret Passos, DELFOS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Marlene Gomes Mendes, Universidade Federal Fluminense
Miguel Rettenmaier, Universidade de Passo Fundo
Noêmia Guimarães Soares, Universidade Federal de Santa Catarina
Philippe Willemart, Universidade de São Paulo
Raúl Antelo, Universidade Federal de Santa Catarina
Roberto de Oliveira Brandão, Universidade de São Paulo
Rosa Borges, Universidade Federal da Bahia
Rosie Mehoudar, Universidade de São Paulo
Sergio Romanelli, Universidade Federal de Santa Catarina – Presidente da APCG
Sílvia Maria Guerra Anastácio, Universidade Federal da Bahia
Telê Ancona Lopez, IEB – Universidade de São Paulo
Verónica Galíndez Jorge, Universidade de São Paulo
Yêdda Dias Lima, IEB – Universidade de São Paulo

DIAGRAMAÇÃO

Aline Novais de Almeida
Danielle Camara Silva
Luciana Antonini Schoeps

ILUSTRAÇÕES

Capa

João Guimarães Rosa.
A boiada
Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 2011, p. 124

REVISÃO

Aline Novais de Almeida
Claudia Amigo Pino
Luciana Antonini Schoeps

REVISÃO DO INGLÊS

Samira Murad

Manuscritica é uma publicação da
Associação de Pesquisadores
em Crítica Genética (APCG) e da
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos,
Literários e Tradutológicos em Francês
da Universidade de São Paulo

DIRETORIA APCG

Sergio Romanelli - Presidente
Sílvia Maria Guerra Anastácio
Josette Monzani
Alicia Duhá Lose
Noêmia Guimarães Soares

EDITORAS DESTE NÚMERO

Aline Novais de Almeida
Claudia Amigo Pino
Luciana Antonini Schoeps

EQUIPE EDITORIAL

Aline Novais de Almeida
Claudia Amigo Pino
Luciana Antonini Schoeps
e-mail: manuscritica@gmail.com

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Programa de pós-graduação em
Estudos Linguísticos, Literários e
Tradutológicos em Francês

Coordenadora

Véronique Dahlet

Vice-coordenadora

Verónica Galíndez Jorge

ISSN 1415-4498

PROJETO GRÁFICO

Priscila Pesce L. de Oliveira

Editorial

NA NOSSA CAPA, não há nenhuma versão manuscrita de uma obra literária, mas uma lista. Trata-se de uma série de anotações feitas por Guimarães Rosa a partir de uma excursão ao sertão mineiro em 1952, publicadas em 2011 no livro *A boiada*. A listagem abre-se com uma singela marcação a lápis, “m%”, que caracterizava a apropriação pelo escritor de termos e expressões alheias. Essas anotações, fatos e causos de outros ouvidos durante a viagem, comporão seus textos futuros. Nesse caso, as curiosidades sobre a Paca e a Capivara serão transpostas, quase literalmente, para “Noites do sertão” (*Corpo de baile*, 1956): esse é o significado do “N.” em verde.

Neste número, damos abertura para as pesquisas que trabalham com a listagem e a classificação como procedimento de escrita. O fac-símile que abre este número, elaborado por Claudia Amigo Pino (USP), refere-se ao processo criativo do crítico francês Roland Barthes, que “compunha” seus textos a partir de um grande fichário, alimentado desde seus primeiros escritos. Já o primeiro artigo deste número, “Classificar-criar: o breviário criativo de Guimarães Rosa”, de Mônica Gama (USP), adentra nessas listas do escritor para entender o mecanismo de transposição dessas “células estéticas” para os textos publicados.

Mas nem tudo aqui são listas. Temos também no presente número alguns artigos que seguem as diferentes versões manuscritas de um texto, de uma frase ou que se embrenham nos labirintos dos acervos criacionais de escritores, presentes no núcleo dedicado à crítica genética mais tradicional. O primeiro desses artigos, de Philippe Willemart (USP), intitulado “O divino e o inconsciente em *Édipo na estrada* de Henry Bauchau”, perscruta as noções de divino e inconsciente nas diversas versões do episódio “A onda”, da referida obra do romancista belga, percebidas como potências unidas não somente no episódio narrativo, mas também como aquilo que é não-sabido, não-controlável no próprio processo de escrita. O artigo “Uma frase terrivelmente obscena e necessária”, de Natalia Borges Polesso (PUCRS), mostra de que forma a reescrita sucessiva de uma frase de Caio Fernando Abreu, presente no conto “Noites de Santa Tereza”, se torna responsável pela inclusão do obsceno e da violência na narrativa, transformando-a em uma das passagens mais emblemáticas do conto. Já o artigo “Ondas tombando ininterruptamente: o processo de escritura em *Sophia* de Mello Breyner Andresen”, de Fabiana Miraz de Freitas Grecco (UNESP), passeia pelos labirínticos caminhos do acervo da poeta portuguesa, com o intuito de apresentar e descrever tal arquivo em seus diversos suportes materiais, além de focar discursos testemunhais referentes a suas narrativas curtas e a aproximação entre prosa e poesia na prática de escrita do conto “A gata borralheira”.

Além desse, nossa revista abre-se igualmente para outros núcleos, indo da literatura ao encontro das outras artes e também observando a inter-relação entre elas. Verónica Stedile Lune e Lea Hafter (Universidad de la Plata), autoras de “Los movimientos del archivo. Nuevas reflexiones a partir de la crítica genética”, refletem sobre a possibilidade de incluir documentos não-textuais ao dossiê genético de um texto supostamente literário. Assim, no caso da compositora chilena Violeta Parra, elas propõem estudar os vestidos feitos por ela como um documento de processo de seus poemas e, no caso do escritor argentino Manuel Puig, pensam na possibilidade de estudar filmes que influenciaram sua narrativa como parte do processo de criação. Já Patricia Kiss Spinelli (UNICAMP) atém-se ao material fotográfico: sua proposta é valorizar a folha de contato (impressão direta de um rolo de negativos sobre a folha de papel) como documento do processo de criação de fotógrafos e também como um objeto de arte.

Da fotografia, passamos novamente à literatura, mas, desta vez, sob o viés da “escritura do eu”, haja vista a mobilização de documentos que, além de estarem imbricados com o universo pessoal e íntimo do autor, pretendem sinalizar uma representação de si. É o caso do artigo de Manoel Freire (UERN), “A motivação autobiográfica de Lima Barreto”, que propõe perceber o diário do escritor como uma escrita com dupla natureza espacial, pois o diário é o espaço confessional, o registro da vida íntima, social e cultural do escritor, mas também

o espaço de seu roteiro literário. Outro texto que se debruça sobre uma prática de escrita produzida no âmbito privado é o artigo de Luciana Antonini Schoeps (USP), “O defunto autor na correspondência de Machado de Assis: Ethos, retórica e narrador ficcional”. Diante do exame da correspondência de Machado de Assis, a autora problematiza questões relativas à autoria e à representação de si, assim como circunscreve uma aproximação entre a prática epistolar e a romanesca. O último texto que integra esse conjunto textual é um capítulo do livro *Écrire. À l’heure du tout-message*, de Jean-Claude Monod, traduzido por Luciana Antonini Schoeps (USP) para a seção “Tradução”. O autor intenta apresentar o debate crítico entre o estruturalismo e a hermenêutica, focalizando, para tanto, as divergências localizadas na relação entre Lévi-Strauss e Paul Ricoeur, a partir da correspondência e das anotações marginais colhidas nos livros dos dois pensadores.

Das escritas do eu passamos, finalmente, ao eu do escritor. A revista fecha-se com um diálogo com o escritor venezuelano José Balza, “Toda mi obra es un gran texto prolongado, quizá unitario, cambiante, diverso que desemboca como el río”, de Digmar Jiménez Agreda (UFSC). Na conversa, o escritor conta que sempre estrutura conscientemente suas obras, mas que, no final, ela nunca se mantém a mesma, como um rio. Com essa imagem, terminamos este número, que começou com a proposta de refletir sobre as listas e sistemas de classificação, mas também foi mudando, transformando-se neste rio de águas turvas, em que se misturam listas, fotografias, cinema, vestidos, diários e cartas.

Aline Novais de Almeida

Claudia Amigo Pino

Luciana Antonini Schoeps